

A individuação da alma humana segundo Alberto Magno

PAULO FAITANIN

Resumo: Nossa intenção é apresentar a doutrina da individuação da alma em Alberto Magno. Apresentaremos a maneira como Santo Alberto compreendeu a individuação do ser humano.

Palavras-chave: Alberto Magno - Hombre - Alma . Individuación

Abstract: Our intention is to present the doctrine of individuation of the soul in Albert the Great. We will present the way in which Saint Albert understood the individuation of human being.

Key words: Albert the Great - Man - Soul - Individuation

1. Introdução

Parece que Alberto Magno colocou o princípio de individuação das substâncias corpóreas na matéria¹. A leitura dos textos referentes à questão também sugere que ele sempre se manteve fiel ao pensamento de Aristóteles, em relação a esta tese,² embo-

1 Vejam algumas referências sobre a consideração da matéria como princípio de individuação: *Summa de creat.* 1, tr. 1, q.2, a.2, ad. 3 (Ed. Paris. vol. 34, pág. 324a), tr.3, q.7, a.3 (ib., pág. 404); II, q.58, a.1, (vol.35, pág. 501a) - *In I Sent.*, d.2, a.19 (vol. 25, pág. 78 b) - *In I Phys.*, Tr. 1, c. 2 (vol. 3, pág. 5) - *In II De Anima*, tr. 3, c. 3 (vol. 5, pág. 235) - *In II De praedicatione*. C. 8 (vol I, pág. 181 b) - *In III Met.* tr. 3, c. 12 (vol. 6 pág. 189 b). Apesar de Santo Alberto considerar a questão da individuação em muitos lugares das suas obras, parece-nos que na *Metafísica* o leitor poderá encontrar os elementos para entender a individuação da substância corpórea pela matéria: *In V Met.* (Ed. Col. Vol. XVI, 1). tr. I, c. 1-11, tr. II, c. 1-16 e o tr. III, c. 1-8. Nestes tratados e nas outras referências encontradas, na *Metafísica* e, sobretudo, no *De caelo*, verificamos os elementos que definem sua posição sobre o problema da individuação pela matéria.

2 Sobre a recepção dos princípios filosóficos aristotélicos no pensamento

ra também se valesse das contribuições de Avicena e Averróis, depois de analisá-las e corrigi-las, para utilizá-las para um melhor esclarecimento do princípio de individuação das substâncias materiais e, em especial, da individuação do homem. Os princípios fundamentais sobre os quais se baseiam sua doutrina, a esse respeito, são tratados em sua *Antropologia*,³ sobretudo, nas questões que consideram sobre a unidade da alma. Ele considerou isto, de modo particular, em sua obra de título *De homine*, que é a segunda parte de uma obra maior de nome *Summa de creaturis*.⁴ E os princípios que servirão de trilhos para o entendimento da individuação do homem foram particularmente tratados e considerados em relação à unidade e imortalidade da alma.⁵

De fato, o estudo da natureza da alma e das suas potencialidades podem-se ser tomados como ponto de partida para a exposição da sua doutrina, mas, sem dúvida, é a doutrina da *matéria primeira* o tema capital, em especial, para buscar saber se ela é informada ou não desde a sua origem e, se informada, considerar a natureza da forma que a informou desde a ori-

de Santo Alberto, vejam: G. ENDRISS, *Albertus Magnus als Interpret der aristotelischen Metaphysik*. München, 1886; A.R. BACHILLER, «Encuentro del empirismo aristotélico en Alberto Magno», en: *Actas del V Congreso Internacional de Filosofía Medieval, II*, Editora Nacional, Madrid, 1979, 1173-1178.

- 3 Henryk Anzulewicz, em seu artigo *Grundlagen von Individuum und Individualität in der Antropologie des Albertus Magnus*, propôs-nos uma análise dos principais conceitos que formam parte ou se referem à estruturação metafísica do ser humano em Santo Alberto. Parece oportuno que os tenhamos em consideração: H. ANZULEWICZ, «Grundlagen von Individuum und Individualität in der Antropologie des Albertus Magnus», en: *Individuum und Individualität im Mittelalter*. (Miscellanea Mediaevalia, 24). Walter de Gruyter, Berlin, 1996, 124-160.
- 4 Conforme informado na nota 1, utilizaremos a edição de Paris, a de Borgnet. *Beati Alberti Magni Ratisbonensis Episcopi, Ordinis Praedicatorum Opera Omnia* (38 vols.), ed. A. Borgnet, Paris, 1890-1899. A primeira parte (I) encontramos no vol. XXXIV e a segunda parte, *De homine*, no vol. XXXV.
- 5 Algumas contribuições sobre a unidade da alma humana em Santo Alberto, veja: G. MEERSSEMAN, «Die Einheit der menschlichen Seele nach Albertus Magnus», *Divus Thomas* 10 (1932) 81-94.

gem e, sabendo qual é esta natureza, investigar se as dimensões acidentais existiam na matéria antes dela ser informada por tal forma, ou se só começaram a existir na matéria depois de ter sido informada por esta forma. Estas e outras questões serão brevemente consideradas aqui só enquanto concernentes à individuação da alma, eximindo-me de aprofundar cada um dos temas envolvidos, sob o risco de não tratar adequadamente o tema proposto.

Neste aspecto, emerge com grande importância a consideração da forma que ele reconhece informar a matéria primeira desde a sua origem, a saber, a *forma de corporeidade*. Isto exposto, caberá saber ainda, se tal forma é de natureza substancial e considerar se as dimensões que acompanharam tal forma, que informaram a matéria primeira, eram determinadas ou indeterminadas.

Em síntese, o problema da individuação da alma humana passa pelo percurso do tratamento destes temas acima relatados, embora se privilegie começar a pesquisa por considerar a natureza da alma, por resultar de grande importância o seu estudo, posto que este estudo nos levará à pesquisa da matéria primeira, à da forma de corporeidade e à das dimensões, pois de suas respectivas considerações dependem para o estabelecimento e proposta de compreensão da tese albertista sobre a individuação da alma humana.

Assim sendo, teremos em conta neste estudo, como ponto de partida, a análise dos temas relativos à natureza da alma, a partir do exame de suas potências intelectivas, isto é, da condição do intelecto agente e do intelecto possível em relação à alma enquanto unida ao corpo, pois assim, de certo modo, reconstruiremos o delineamento proposto por Alberto, ao tratar da individuação do homem. É óbvio e, mais adiante, será inevitável considerar o tema da matéria primeira, da forma de corporeidade, das dimensões indeterminadas ou determinadas, bem como do que é que individua a substância do homem, se só o suposto ou se a alma mesma é individual por si mesma.

Retomando a questão e seguindo a trilha albertista para a exposição da sua doutrina sobre a individuação da alma humana,

é preciso saber que a investigação de tais potências da alma, a saber, o intelecto ativo e possível, nos leva, por sua vez, a tratar da interpretação proposta por Averróis sobre o *De anima* de Aristóteles (especialmente o livro III, os capítulos 4 e 5) onde – a partir da sua tese de que os dois intelectos existem separados e são unos – colocava em perigo tanto a doutrina da unidade da alma e das potências no corpo, quanto à tese da imortalidade da alma.⁶

Ademais da obra *De anima* de Aristóteles, Alberto tratará da questão acima referida em seus comentários da *Metafísica*. De fato, Alberto ao comentar esta última obra citada, tem muito em conta a iminente propagação das interpretações das doutrinas dos árabes a respeito da matéria primeira, da forma e das dimensões. Por este motivo, tanto esta obra como a dos filósofos islâmicos tornam-se referências presentes em suas análises sobre esta temática. Como proêmio a este estudo, procuraremos, a seguir, expor a doutrina albertista, a partir da sua crítica à posição filosófica adotada, primeiro, contra Averróis e, incluindo em seguida, contra a de Avicena.

2. A crítica à doutrina de Averróis do intelecto separado e universal

Deve-se deixar claro que a sua crítica dirige-se tanto à doutrina professada por Avicena quanto à corroborada por Averróis, as quais veremos mais abaixo. Este último, muito influenciou posteriores intérpretes da doutrina aristotélica com a sua tese de que o intelecto agente era separado, universal e de que o intelecto não existiria na alma, de modo individual. Alberto também ressalta, como diremos mais abaixo, a tese de Avicebraão, que admitia uma matéria espiritual,⁷ o que ia inclusive de encontro

6 Sobre a apresentação do problema e as vias de solução propostas por Alberto, veja: I. CRAEMER-RUEGENBERG, *Alberto Magno*. Versión castellana de Claudio Gancho. Herder, Barcelona, 1985, 84-100.

7 Sobre isso, ver: Alberto Magno, *Quaest. De intel. Anima*. (Ed. Col. Vol. XXV, 2). Solutio, pág. 269, 52-59: «Dicendum, quod licet multae opiniones sint circa intellectum agentem et possibilem, quibusdam dicentibus, quod idem sint intellectus agentes et possibilis, sed agens secundum se,

às teses dos islâmicos acima citados, que não admitiam a existência de uma matéria espiritual à maneira do pensador judeu. No entanto, em se tratando da individuação da alma humana pelo corpo, para Alberto esta tese averroísta constitui uma oposição a ser combatida com argumentos seguros, fundamentados na doutrina aristotélica.

De fato, para Alberto o homem é algo mais que só seu corpo individuado, pois se a sua alma imediatamente se une ao corpo⁸, como ele admite, então o composto humano é constituído de modo imediato pela união de corpo e alma. De imediato, Alberto se opôs àquela tese de Averróis, pois coloca a alma como sendo criada no corpo. E nisto ele se aproxima da interpretação de Avicena, segundo a qual a alma humana começa a existir no corpo.

Por isso mesmo, para Alberto, nem só o corpo individuado constitui o homem, uma vez que o corpo e a alma são duas substâncias, porém duas substâncias incompletas, se consideradas em si mesmas. Sua completude é dada por meio da união das duas substâncias que se completam, enquanto se unem por composição substancial, para a formação do indivíduo humano. Isto ele segue, na base, à doutrina aristotélica conhecida como *hilemorfismo*. No entanto, há que esclarecer o modo como Alberto entende a alma como uma substância.

De fato, seguindo aqui bem de perto uma das clássicas interpretações da doutrina aristotélica, exposta especialmente pelos primeiros comentadores, como Boécio, para Alberto a alma

possibilis autem immixtus corpori dicatur; quibusdam vero, quod intellectus agens sit de natura intelligentiae decimi ordinis, individuatus ad corpus ex aequalitate complexionis, magis accedens ad naturam orbis»; Alberto Magno, *De causis et proc. Uni.* (Ed. Col. Vol. XVII, 2). I. tr. 1, c. 6 B. 10, 372-374; I. tr. 1, c. 5, pág. 11, 3-5. A doutrina professada por Averróis também seria posteriormente criticada por Tomás. Não nos deteremos na análise da crítica, mas recomendamos ter em conta o seguinte estudo: L. OEING-HANHOFF, «Zur Rezeption und Kritik des averroistischen Hylemorphismus durch Thomas von Aquin», en: *Actas del V Congreso Internacional de Filosofía Medieval, II*, Editora Nacional, Madrid, 1979, 1051-1058.

8 Cfr. Alberto Magno, *Metaphysicorum Lib. XIII.* (Ed. Col. Vol. VI). VIII, tr. 2, c.5.

também é considerada uma substância.⁹ E isso não impede que ela seja a forma do corpo, porque de fato a última forma do corpo, a que dá o ser, deve ser substancial. Logo, a alma que é a forma do seu corpo, é uma forma substancial.

Tratar desta questão exige o devido cuidado, como veremos, em razão da polêmica acerca da pluralidade de formas na constituição da substância, pois se admitida uma forma de corporeidade na matéria primeira e, depois, uma forma substancial que informa o corpo humano, admitir-se-ia a doutrina da pluralidade de formas substanciais para a constituição do homem.

O que isto acarreta? Acarreta na questão de ser então mais justificável a tese de Averróis, à qual Alberto se opôs e que entende que a alma humana seja sobreposta à constituição substancial do homem e que mantém, inclusive, sua potência mais nobre e elevada, o intelecto agente, totalmente separado do próprio homem. Mas isto fere profundamente a ideia cristã da criação e da infusão imediata da alma humana no corpo, tal como Alberto professa.

E é contra este equívoco averroísta que Alberto, ao expor a sua doutrina, se vê obrigado a repugnar a doutrina da pluralidade de formas na substância. Mas isto ele fará mediante uma análise primária acerca da *matéria primeira* e da *forma de corporeidade*, pois se ele conseguir solucionar esta questão, poderá adequadamente expor como não há em sua exposição, a aceitação da pluralidade de formas, para a constituição da substância.

Para tanto, convém voltar à análise da doutrina da *forma* em Alberto e qual é a sua fonte de inspiração. De fato, Alberto, muito atento à doutrina sobre a forma substancial encontrada na *Metafísica*, em cujo comentário ele interpreta Aristóteles dizen-

9 Cfr. Alberto Magno, *Quaest. De animal.* (Ed. Col. Vol. XII). Liber XVI, q. 14, pág. 284, 90-93: «Et ideo intelligentia proprie dicitur substantia intellectualis, sed anima humana est substantia rationalis». A. C. Pegis desenvolveu um interessante estudo, cuja tese central consistia na consideração da forma como uma substância. Neste estudo encontramos referências ao problema em Santo Alberto: A.C. PEGIS, *St. Thomas and the problem of the soul in the thirteenth century*, St. Michael's College, Toronto, 1934.

do que a *forma est maxime substantia*,¹⁰ ele também admite e, toma para si, a doutrina do Estagirita de que a forma é uma substância. Como dito acima, assim sendo, Alberto interpreta que se a alma humana é substância racional, isso não significa que não seja a forma substancial do seu corpo, pois se a alma é justamente uma substância racional, ela também justamente será a forma do seu corpo, porque a forma do corpo é forma substancial.

Alberto faz questão de ressaltar que a alma humana não é uma forma qualquer, senão uma de natureza espiritual, não gerada a partir da própria matéria, mas criada por Deus. E isto é muito importante, pois ele estabelece uma fronteira considerável entre a explicação da individuação das criaturas estritamente materiais e a individuação do homem, em razão desta diferença: a forma da substancia material é forma corpórea, mas a forma da substância do homem é forma racional, a saber, de natureza espiritual, não originada a partir da matéria.

Ao seguir esta linha de argumentação, Alberto deseja deixar bem claro que se a alma humana é uma substância, é preciso considerá-la assim. Considerada deste modo, segue-se, então, que a alma humana assegura em si mesma a sua unidade, sua imortalidade e a unidade do intelecto agente e possível.¹¹ Em outras palavras, numa só argumentação Alberto declina a tese de que a alma não se uniria ao corpo e de que a sua máxima potência existiria separada dela, enquanto ela estivesse unida ao corpo, pois não é possível que uma potência exista separada da sua substância.

Mas, uma vez admitida a ideia de que a alma existe unida ao

10 Cfr. Alberto Magno, *Metaphysicorum Lib. XIII.* (Ed. Col. Vol. VI). VII, tr. I, c.5, texto 8, pág. 412B.

11 Em muitos lugares da sua vasta obra Santo Alberto manifesta sua ideia, mas parece que em algumas destacou mais o significado desta unidade pela análise desta dupla potência que existe 'lado a lado', se assim podemos dizer, na alma. Vejam os textos: *De nat. et orig. animae.* (Ed. Col. Vol. XII), tr. 2, c. 6, pág. 29, 35-59; *De unit. Intel.* (Ed. Col. Vol. XVII, 1) III, pág. 21-22, 65-05; *Quaest. De intel. Animae.* (Ed. Col. Vol. XXV, 2). Solutio, pág. 269, 52-59; *Quaest. De intel. Animae.* (Ed. Col. Vol. XXV, 2), pág. 270, 1-13; *De causis.* (Ed. Col. Vol. XVII, 2). I, tr. 1, c. 5, pág. 11-12, 82-04.

corpo, faz-se necessário considerar qual papel joga o corpo nesta questão. E indo mais a fundo, Alberto procura no fundamento da própria estrutura metafísica do corpo, a chave para analisar a questão. Ora, o fundamento da estrutura metafísica do corpo é a matéria. Por esta razão, Alberto se vê na obrigação filosófica de considerar a matéria e o seu papel na união com a alma e a sua função para a individuação do homem.

Por isso, a chave para entender o corpo é a matéria e a chave para entender a matéria do corpo como princípio individuante da alma humana é a admissão de que a alma, embora criada e de natureza espiritual, ela em si mesma é incompleta se não começar a existir no corpo, pois a causa da sua completude somente é encontrada a partir da sua imediata união substancial com a matéria do corpo.

Assim, o fato de ser a alma uma substância racional, isto não lhe confere prévia autonomia absoluta de subsistência separada e comum a muitos corpos, pois ela só obtém esta autonomia de subsistência não antes de unir-se ao corpo, mas só quando começa a existir unida a seu corpo, podendo manter tal subsistência separada do corpo, mas só depois de ter existido nele. Isto não significa que a alma humana adquiriu a sua subsistência espiritual com o corpo, ao unir-se a ele, podendo subsistir ao separar-se dele.

Portanto, esta ideia só procede se considerar-se que a sua subsistência é inerente à sua natureza. Mas, porque a alma é criada para existir no corpo, sua natureza, na qual inclui a sua subsistência, depende do corpo quanto à sua incoação, para começar a existir unida a alma com corpo. Para Alberto, a alma ainda que subsistente separada do corpo, aguarda retornar a ele; e isto porque a ressurreição do corpo, dogma caro à fé albertista, supõe uma nova união da mesma alma com o mesmo corpo. De fato isto fundamenta o cuidado com que Alberto tenta se desvencilhar da ideia de que a alma poderia existir no corpo, mas ter sua potência máxima existindo separada não só do corpo, mas da própria alma humana. Há que se dizer que nem mesmo há alguma autonomia da alma com relação às suas próprias potências, se ela ainda não tiver sido unida ao seu corpo.

Deste modo, Alberto declina com a tese de que as potências da alma pudessem ser autônomas e individuais antes da sua individuação pela matéria do seu corpo, pela qual a alma é este ente.¹² Sua tese sustenta – em oposição à de Averróis – que o intelecto agente e o possível emanam da potência da alma,¹³ na medida em que é individuada pelo corpo e por meio dele – unida e individual no corpo – sustenta individualmente as suas potencialidades.¹⁴

12 Cfr. Alberto Magno, *In II Met.* (Ed. Col. Vol. XVI, 1), tr. 1, c. 7, pág. 467, 41-45: «Et dicitur secundum hoc materia, ‘cum qua est hoc aliquid ens’, eo quod ipsa est primum principium individuationis, et cum individuat, ‘ens apparens’ per hoc quod est sensibilis, distincta qualitate sensibili et quantitate». Em geral, Santo Alberto aceita que é a matéria que individua: «Sed cum omne individuans sit materia, oportet quod illud individuans, esset materia incorporea in anima existens; et per formam, quae non est corporis perfectio: et hoc concedunt plerique inter nostros socios». (*De anima*. III, trac. 4, c. 14).

13 Cfr. Alberto Magno, *De unit. Intel.* (Ed. Col. Vol. XVII,1), III, pág. 21-22, 65-05: «Dicamus igitur in nostra anima partem esse intellectualem et ipsam, quae dicitur anima rationalis, dicimus esse substantiam, ex qua emanant potentiae, quarum quaedam sunt separatae ita quod non sunt corporeae formae nec virtutes in corpore...et illae quae non sunt virtutes in corpore, sunt in ea ex similitudine sua ad causam primam, per quam est et per quam stat esse ipsius».

14 Sua crítica à concepção de que o intelecto existe separado, lhe conduz à afirmação da existência das duas potências intelectivas na alma, isto é, o intelecto agente e o intelecto possível: Alberto Magno, *Quaest. De intel. Anima.* (Ed. Col. Vol. XXV, 2), pág. 270, 1-13: «(...) tamen sine praeiudicio videtur mihi, quod intellectus agens et possibilis sint duae potentiae animae, et quod anima sit composita ex ‘quo est’ et ‘quod est’, quae est compositio essentialis eius, ex qua fluit secunda compositio potentiaryum animae, et ex parte ‘quo est’ causatur intellectus agens, ex parte ‘quod est’ intellectus possibilis. Hoc enim magis consonum est catholicae fidei ad sustinendum, quod anima uniuscuiusque singularis hominis distincta et discreta remanet post mortem. Unde intellectus agens lux animae est illustrans super intellectum possibilem et super phantasmata, quae lux extrahit species intelligibiles de phantasmatibus, sicut lux corporalis abstrahit colores». E a sua crítica à concepção de que existiriam potências intelectuais da ordem de uma matéria espiritual, lhe conduz à afirmação de que estas potências são espirituais e independentes da matéria, porque são da ordem das inteligências, como é o intelecto possível: Alberto Magno, *De causis.* (Ed. Col. Vol. XVII, 2), I, tr. 1, c. 5, pág. 11-12, 82-04: «Adhuc, primum agens constat infinitum esse, quo est omnia agere. Susceptibile

Mas, a alma em sua própria individualidade, não constitui razão suficiente para que seja percebida como distinta de outra. Por isso, necessita do corpo, porque somente através da matéria individual, que distingue um corpo do outro, ela também se distinguiria de outra, na medida em que, em cada corpo, a natureza e potencialidades se realizem distintamente.¹⁵

Deste modo, somente quando está individuada no corpo podemos dizer que esta alma se distingue de outra, mas dizemos isso através do seu corpo, que é sensível aos nossos sentidos, porque de imediato é o sensível o que vemos,¹⁶ pois a substância individuada existe aqui e agora.¹⁷

Em resumo, Alberto adentra na consideração do princípio de individuação da alma, a partir da sua oposição à doutrina de Averróis que sustentava que o intelecto agente é separado da alma e universal. Sua proposição contrária, sustenta que a alma

ergo actionis primum necesse est infinitum esse, quo sit omnia fieri non est possibile nisi in intelligentia quantum ad eum qui vocatur possibilis intellectus (...)). E é por esta razão que ele nos diz que o intelecto agente e o possível no homem existem na alma, enquanto o intelecto agente opera como causa eficiente e o intelecto possível como recipiente e sujeito dos inteligíveis. Sobre isso, vejam: *Summa de creat.* (Ed. Paris. Vol. XXXV). II, q.53, a.6: «Est actus animae secundum intellectum agentem et possibilem, ad quem operatur intellectus agens sicut efficiens et forma, intellectus autem possibilis sicut recipiens et subiectum intelligibilium»; veja também: *De nat. et orig. animae.* (Ed. Col. Vol. XII), tr. 1, c. 8, págs. 15-16, 89-06: «Status autem huius naturae est secundum intellectum (...) satis dictum est, nec ad sciendum naturam animalium oportet hic dicere quod in anima duo sunt intellectus...unus quo est animam omnia intelligibilia fieri, vocatur intellectus possibilis, et alter, quo est omnia intelligibilia facere, vocatur intellectus universaliter agens».

15 Cfr. Alberto Magno, *In V Met.* (Ed. Col. Vol. XVI, 1). tr. 2, c. 10, pág. 247, 34-37: «Non enim dividuntur ulterius divisione formae, sed divisione materiae, quia individua, quae sunt sub ipsis, non different nisi per materiam et species ipsa totum est esse eorum».

16 Cfr. Alberto Magno, *In II Met.* (Ed. Col. Vol. XVI, 1). tr. 1, c. 7, pág. 467, 28-31: «Dicamus igitur, quod materia unicuiusque est cum qua est hoc aliquid ens apparens».

17 Cfr. Alberto Magno, *In II Praedicam.* c. 8: «primae substantiae habent materiam terminatam et signatam accidentibus et individuantibus per quae sunt hic et nunc, et per quae singula eorum est unum numero et hic et nunc».

é unida e individual em seu corpo.

3. A matéria como princípio de individuação.

Pois bem, Alberto considera a individuação da alma segundo a relação de composição existente entre matéria e forma,¹⁸ porque se a alma se individua no corpo – e tudo o que é corpóreo, o é segundo a composição de matéria e forma¹⁹ – segue-se disto que a forma nesta relação seria o princípio de comunicabilidade e a matéria o de particularidade.²⁰ Deste modo, o princípio de individuação é posto na matéria, porque é pela matéria que algo é individual e sensível,²¹ de tal maneira que o indivíduo é uma coleção de acidentes que não pode ser encontrada em outro.²² É isto que fundamenta sua tese que afirma que na relação de ma-

18 Cfr. Alberto Magno, *De gen. et corrup.* (Ed. Col. Vol. V, 2). I. tr. 3, c. 3, pág. 141, 12-18: «Illud autem est materia, cuius ista sunt omnia ultima determinantia ipsam, scilicet puncta lineae et superficies, et ipsam numquam possibile est esse sine passione et morphea sive forma, quae est figura, quae figura quantitas est terminata unde materia verissime est id quod terminatum est quantitate et qualitate distinctum et forma substantiali perfectum».

19 Cfr. Alberto Magno, *De caelo.* (Ed. Col. Vol. V, 1). I, tr. 3, c.7, pág. 70, 63-68: «Si ergo illud est secundum hoc tunc caelum videtur similiter sensibile et ideo compositum ex materia et forma, et sic videtur esse pars una partium mundi compositarum».

20 Cfr. Alberto Magno, *De caelo.* (Ed. Col. Vol. V, 1).I, tr. 3, c.7, pág. 70, 68-79: «Si ergo hoc est secundum hoc, tunc invenimus in toto caelo et principium communitatis et principium particularitatis (...) quam quando dicimus hoc caelum particulatum significantes ipsum per materiam sensibilem (...) cum dicimus hoc caelum demonstrantes ipsum in materia sensibili, significamus formam cum materia particulatam et conceptam secundum esse».

21 Cfr. Alberto Magno, *De caelo.* (Ed. Col. Vol. V, 1). I, tr. 3, c.7, pág. 70, 63-68: «Si ergo illud est secundum hoc, tunc caelum videtur similiter sensibile et ideo compositum ex materia et forma, et sic videtur esse pars una partium mundi compositarum. Omne enim sensibile, ut diximus, proprium et incomunicabile et sensibile est per materiam suam, quae est primum principium individuationis in ipso».

22 Cfr. Alberto Magno, *De IV coaequaevis.* (Ed. Paris. Vol. XXXIV). tr. 4. q. 28. a. 1 (494^a, 495^a): «Individuum autem est, sicut dicit Porphyrius, collectione accidentium, quae non possunt in alio invenire, et haec sunt patria, parentela, locus et huiusmodi».

téria e forma, esta se individua na matéria com os seus acidentes individuanes.²³

Tendo em conta a incomunicabilidade das propriedades dos indivíduos, Alberto distingue o *individuum vagum* que não se descreve e se predica de muitos (uma categoria lógica), do *individuum certum*,²⁴ que é determinado, incomunicável, impredicável e pode ser descrito. O efeito do princípio de individuação pela matéria é o indivíduo determinado. No entanto, pondo na matéria o princípio de individuação, Alberto tem de esclarecer –o que acima já nos referimos– como não aceitar a tese da pluralidade de formas substanciais na constituição da substância individual.

O tema tem a ver com o fato de Alberto admitir a doutrina da *forma de corporeidade (forma corporeitatis)* admitida por Avicena e desenvolvida com uma complexa interpretação por Averróis. Segundo Averróis, esta forma preexiste na matéria primeira e dispõe as dimensões indeterminadas nesta mesma matéria. Resulta difícil para Averróis não cair na tese da admissão de que concorrem diversas formas substanciais – o que contraria a tese de Aristóteles – para a constituição de uma substância individual, ao estabelecer que a matéria primeira tem dimensões indeterminadas em si antes de qualquer forma; que há a preexistência da forma de corporeidade à infusão da alma humana, infundida desde fora no corpo; estabelecer a interpretação de que o intelecto agente, potência da alma, existisse separada da própria alma e, conseqüentemente, do corpo ao qual ela se une. Contudo, parece certo que Alberto, embora admita a forma de corporeidade existente na matéria primeira e que seja possível admitir as dimensões existentes nesta matéria a partir de sua informação por esta forma de corporeidade, ele, de uma só vez, teria de evitar a afirmação da tese da pluralidade de

23 Cfr. Alberto Magno, *De Caelo*, (Ed. Col. Vol. V, 1). I, tr. 3, c. 7, pág. 72, 69-71: «Cum autem nominatur hoc caelum demonstrata forma in materia et accidentibus individuantibus, tunc dicit formam habentem esse in hac materia».

24 Cfr. Alberto Magno, *De V universalibus*. (Ed. Paris. Vol. I). tr. 4, c. 7, pág. 77^a: «Individuum autem quod est certum, non praedicatur nisi de uno solo discreto et signato (...), quamvis individuum vagum de pluribus, hoc est praedicatione speciei et non individui».

formas e a tese de que tais dimensões poderiam existir predeterminadas na matéria primeira, antes do advento da forma substancial última, que é produzida, no caso da geração material, no final da geração.

O fato é que Alberto não admite ao mesmo tempo a pluralidade de formas substanciais para a constituição de uma mesma substância. Primeiro, ele também admite como Averróis, que a matéria primeira nunca deixa a forma de corporeidade e dela nunca se separa. Assim ele se expressa: *manifestum est materiam a corporeitate nullo modo posse separari*.²⁵ Ele também está de acordo com o Cordobês que é a forma que dá o ser em ato à matéria, pois a matéria sempre existe em razão da forma e é a forma a causa do ser em ato da matéria²⁶. Nisto também se fundamenta a afirmação, acima dita, de que, no caso do homem, a alma humana é forma substancial do seu corpo e existe imediatamente unida ao seu corpo, uma vez que se complementam, como se complementam, na união por composição, a matéria com a forma, enquanto a matéria recebe o ser da forma e a forma a individuação da matéria.

Por esta mesma razão, Alberto concorda com Averróis que não é só a própria matéria que determina e dispõe as dimensões do composto de matéria e forma, mesmo no caso da individuação da alma humana (forma do corpo humano), pois também contribui neste processo a própria alma, como dito antes, por ser forma substancial do corpo que, dando o ato de ser ao corpo, estabelece, em última instância, conjuntamente com a matéria, a determinação das dimensões que existem na matéria de modo indeterminado e que serão dimensões determinadas de todo o composto.²⁷ E porque a determinação do corpo pressupõe a de-

25 Cfr. Alberto Magno, *Metaphysicorum Lib. XIII*. (Ed. Col. Vol. VI). V, tr. 2, c. 3, pág. 302A.

26 Cfr. Alberto Magno, *Metaphysicorum Lib. XIII*. (Ed. Col. Vol. VI). V, tr. 2, c. 3, pág. 302B.

27 Cfr. Alberto Magno, *De caelo*. (Ed. Col. Vol. V, 1). I, tr. 3, c.4, pág. 62, 59-68: «Cum autem materia non dividatur ita, quod per partes subiciatur est(...) oportet quod materia, quae suscipit formam, quae sunt actus et perfectionis corporis, sit primo susceptibilis trium dimensionum, non tamen terminatarum ad certam dimensionem, quia si certae dimensiones essent

terminação da espécie a que pertencerá este corpo, a alma, que é ato do corpo, é uma forma substancial que determina a perfeição específica do indivíduo substancial, do qual ela é forma.

Assim sendo, na geração²⁸ e corrupção dos indivíduos corpóreos de uma mesma espécie, as formas substanciais são educadas (produzidas desde dentro) da própria potência da matéria primeira, exceto no caso do homem, cuja forma, que é a alma racional –que é uma forma substancial de natureza espiritual– é criada desde fora por Deus e imediatamente infundida no corpo.

A aceitação de Alberto da doutrina da forma de corporeidade ainda implica uma breve, mas detalhada exposição, quanto às suas fontes de inspiração, em relação à sua proposta de solução, para que não caíssemos no erro de pensar que ele aceitou a tese da pluralidade de formas substanciais, na constituição do composto material e, por fim, com relação às conseqüências e importância da sua tese para o ulterior desenvolvimento da questão, como ocorreu nas obras do seu discípulo Tomás de Aquino. Por isso, talvez mereça uma breve exposição dos antecedentes históricos que o inspiraram ou que ele teve em conta ao discutir esta questão. E isto favorecerá para um melhor esclarecimento deste complexo tema.

Destaca-se que Alberto tem principalmente em conta as interpretações de Avicena e Averróis, como dissemos acima. E para falar da forma de corporeidade não se pode deixar de tratar da doutrina aristotélica da *matéria primeira*²⁹ sob a ótica de interpretação daqueles dois filósofos islâmicos. Há que se dizer, em primeiro lugar, que em algo os referidos pensadores se

materiae, contingeret, quod continue corrumpetur in omni generatione et corruptione»; *idem*, pág. 63, 18-21: «et ideo post primam formam substantialem, quae consequetur corporeitatem, a substantia ipsa causatur qualitas primae, quae sunt proprie qualitates primarum substantiarum simplicium generabilium et corruptibilium, quae dicuntur elementa (...)».

28 Recomendamos ter em conta o seguinte artigo sobre a doutrina da geração em Santo Alberto: S. CAROTI, «Note sulla parafrasi del *De generatione et corruptione* di Alberto Magno», *Freiburger Zeitschrift für Philosophie und Theologie* 45 (1998) 6-30.

29 Aristóteles admite em *Metafísica*, VIII, 4, 1044a 15-1044b 20, a doutrina da ‘matéria primeira’ como o primeiro substrato original, a partir do qual foi gerado toda substância material.

aproximam, mas também em algo se distanciam. Em todo caso, deve-se saber que Alberto não admitiu, de modo absoluto, toda a doutrina de um e do outro sobre a matéria primeira e acerca da forma de corporeidade, sem criticá-las e/ou aperfeiçoá-las, pois em um e noutro aspecto critica ou toma de empréstimo um ou outro conceito de ambos os pensadores.

Ressalta-se que a tese de Alberto é original e exerceu, como dito acima, grande influência sobre a doutrina da individuação do seu discípulo Tomás. E a tese tomasiana teve inúmeras repercussões no debate da querela da individuação na Escola Tomista, em razão de interpretações nem sempre convergentes de doutrinas contidas em dois controvertidos opúsculos que se referem às doutrinas daqueles dois filósofos islâmicos e, mais em especial, às de Averróis: *De principio individuationis* e *De natura materiae et dimensiones interminatis*.³⁰

Não é preciso voltar aqui para expor em detalhe a complexa doutrina sobre a matéria em Platão, considerada eterna, essencialmente mutável pela desordem dos elementos que a compunha e sobre a qual advém o Demiurgo para estabelecer a ordem do cosmos.³¹ Contudo, a admissão da existência de uma matéria eterna cheia de formas elementares influenciará o platonismo posterior, a começar por Plotino e terá longa tradição de seguidores no Medievo, inclusive no tempo de Alberto, mediante as teses propaladas no *De causis* atribuída a Proclo. Mas, talvez aqui caiba relatar o exemplo de Santo Agostinho que, embora não admita a existência de uma matéria eterna, sustentou ao modo de Platão, já em suas *Confissões*, a preexistência de formas, entendidas como ‘razões seminais’, no interior da matéria criada³².

A doutrina agostiniana terá grande repercussão no ambiente cristão do Medievo, mesmo para além da época de Alberto

30 Sobre as controvérsias sobre as respectivas autenticidades e doutrinas contidas nestes opúsculos, pode-se considerar os seguintes estudos: P.S. FAITANIN, *Sobre la naturaleza de la materia*, Cuadernos de Anuario Filosófico, Pamplona, 2000; *Sobre el principio de individuación*, Cuadernos de Anuario Filosófico, Pamplona, 1999.

31 Cfr. Platão, *Timeu*, 27d; 28a-c; 29ab.

32 Cfr. Santo Agostinho, *Confessionum Libri Tredecim*, XII, c. 4-8. (PL 32, 827-829).

e Tomás, que a tiveram muito em conta. Não poderia deixar de ser destacada uma posição radical, inclusive oposta às de Platão, de Aristóteles e dos demais filósofos aqui citados. Trata-se da tese proposta por Avicibrão em sua obra *Fons vitae*, na qual sustentara a existência de uma *matéria universal*, também entendida como espiritual, cuja subsistência se sobrepõe à das próprias formas³³.

Poderíamos destacar outros pensadores e suas respectivas doutrinas acerca da matéria, mas cremos, para o que se pretende aqui, serem suficientes tais relatos históricos. Então, feitos estes breves relatos históricos, cabe destacar o que mais interessa para a questão das propostas de interpretações de Avicena e Averróis, pois Alberto as teve muito em conta ao tratar da questão da relação da matéria primeira com a doutrina em que se admite uma forma de corporeidade, que a informou desde a sua origem. Outra razão para enfatizar as doutrinas destes autores reside no fato de que suas respectivas teses se aproximam mais das doutrinas aristotélicas, às quais segue Alberto, embora elas não sejam em sua totalidade, segundo Alberto, como já dito, adequadas interpretações da doutrina do estagirita sobre este tema.

Falemos, pois, brevemente, da doutrina de Avicena que, por exemplo, sustentou a tese de que a matéria não existe separada da forma e que recebeu a forma de corporeidade de fora, dada por um *dator essendi*³⁴, pela qual a matéria poderá receber a

33 Cfr. Ibn Gabirol, (Avicibrão), *Fons vitae*. Beiträge zur Geschichte der Philosophie des Mittelalters. Edit Cl. BAEUMKER, Münster, 1872, III, 24, pág. 135, n. 20-23; IV, 7, pág. 226, n. 14-18.

34 Para este estudo foram consultadas as seguintes edições das obras de Avicena: Avicena, *Avicenna Latinus: Liber de Philosophia Prima sive Scientia Divina*. Édition critique de la traduction latine médiévale par S. VAN RIET et Introduction doctrinale par G. VERBEKE, E. Peeters, Louvain, 1977; *Liber de Anima seu Sextus de Naturalibus I-II-III*. Édition critique de la traduction latine médiévale par S. VAN RIET et introduction doctrinale par G. VERBEKE, E. Peeters, Louvain, 1972; *Avicenna Opera*, Edição Venetiis de 1508. Reimpressão: Minerva G.M.B.H., Frankfurt am Main, 1961. Sobre a passagem a que se refere a nota: Cfr. Avicena, *Liber de Philosophia Prima*. (AL Phil. Prima V-X), pág. 396, A342 n. 28-35.

quantidade³⁵ e serem dispostas as três dimensões.³⁶ Tal forma de corporeidade é simples e sem nenhuma diversidade em si mesma³⁷. Entretanto, para Avicena a matéria nunca deixa tal forma e nem pode existir sem a mesma³⁸. Isto posto, ficam claras duas coisas: 1) que sempre permanece a forma de corporeidade na matéria; 2) que as dimensões da matéria dependem da forma de corporeidade existente previamente na matéria.

Portanto, em Avicena abre-se já o fio condutor para a afirmação da existência de diversas formas para a constituição da substância individual, que é a última na ordem da geração. Mas isto não é de comum acordo entre os seus diversos intérpretes. De igual modo, também, já em Avicena indica-se que as dimensões da matéria não antecedem à forma de corporeidade, senão o contrário, a saber, que tais dimensões dependem da forma de corporeidade existindo na matéria, para que elas sejam possíveis. Mas quanto a esta tese, os seus intérpretes estão de acordo. Desta maneira, para Avicena a forma exerce papel importante para a determinação destas dimensões na substância, pois a matéria não tem só em si mesma, a ordenação à diversidade, realizada sem a participação da forma de corporeidade.³⁹

No caso da alma humana, Avicena admite que ela não é corpórea, mas segue o mesmo padrão de informação e individuação no corpo, posto que ela somente se tornaria individual no corpo, quando as dimensões acidentais da matéria deste corpo,

35 Cfr. Avicena, *Liber de Philosophia Prima*. (AL Phil. Prima I-IV), pág. 86, A74 n. 4-8: «Manifestum est igitur quod materia non remanet separata».

36 Cfr. Avicena, *Metaphysica*. (Venetiis 1508) f. 75v, col. 1.

37 Cfr. Avicena, *Liber de Philosophia Prima*. (AL Phil. Prima I-IV), pág. 82, A72 n. 34-44. Veja também: *AL Phil. Prima I-IV*, pág. 78, A68 n. 76-81: «Manifestum est igitur ex hoc quod forma corporeitatis in quantum est forma corporeitatis eget materia et quod natura formae corporeitatis, in quantum est forma corporea, ipsa in se non diversificatur, quia est una natura simplex, quae non potest specificari differentiis supervenientibus sibi in quantum est corporea».

38 Cfr. Avicena, *Liber de Philosophia Prima*. (AL Phil. Prima I-IV), pág. 92, A79 n. 22-25.

39 Cfr. Avicena, *Liber de Philosophia Prima*. (AL Phil. Prima I-IV), pág. 82, A72 n. 46-51.

concomitantemente a seguem, quando ela se une ao corpo⁴⁰. Neste sentido, para Avicena a singularidade da alma não existiu desde a eternidade, mas começou a existir no tempo, pela matéria corpórea apta a servi-la, porque o corpo é o seu reino e instrumento⁴¹. Em resumo, Avicena admite a matéria primeira informada por uma forma de corporeidade, mas não admite que as dimensões preexistam na matéria antes da forma substancial.

Por outro lado, Averróis admite que as dimensões indeterminadas antecedam na matéria primeira, à forma substancial, dependendo somente da forma de corporeidade. E isto porque as formas são eduzidas ou produzidas pela ação da causa eficiente,⁴² a partir da própria matéria primeira, da qual são geradas todos os corpos sensíveis. Mas o Cordobês considera a *materia prima*, que é a matéria da qual se produz a matéria dos corpos sensíveis, como aquilo que existe em potência⁴³, porque o sujeito das formas, tem que existir enquanto potência.⁴⁴

Seguindo este raciocínio, Averróis coloca tanto as formas

40 Cfr. Avicena, *Liber de Anima*. (AL IV-V), pág. 107, n. 70-75: «Dicemus etiam aliter quod quaelibet anima non fit singularis ex tota collectione speciei, nisi ex dispositionibus accidentibus ei quae non comitantur eam ex hoc quod est anima, alioquin convenirent in eis omnes animae; accidentia vero consequentia accidunt sine dubio in principio temporalis».

41 Cfr. Avicena, *Liber de Anima*. (AL IV-V), págs. 107-108, n. 75-79.

42 Para este estudo foram consultadas as seguintes edições: Averróis, *Aristotelis opera cum Averrois commentariis*. Apud Iunctas, Venetiis 1562, diversos volumes. Reimpressão: Minerva G.M.B.H., Frankfurt/Main, 1962; *Averrois Cordubensis commentarium magnum in Aristotelis De Anima libros*. (*Corpus Philosophorum Medii Aevi Corpus Commentarium Averrois in Aristotelem*.) Ed. Henricus AUSTRYN WOLFSON, David BANETH y Franciscus HOWARD FOBES, Versionum Latinarum, Vol. VI, 1. The Mediaeval Academy of America, Cambridge, 1953; *Commentarium medium in Porphyrii Isagogen et Aristotelis Categorias*. Ed. A. DAVIDSON, Berkeley, 1969; *Compendio de Metafisica*. I. Traducción y notas de Carlos QUIRÓS RODRÍGUEZ, Maestre, Madrid, 1919; *Destructio Destructionum Philosophiae Algazelis in the Latin version of Calo Calonymos*. Edited with an Introduction by Beatrice H. ZEDLER, The Marquette University Press, Milwaukee, 1961. Sobre a questão referida acima: Cfr. Averróis, *In Met.* Vol. VIII. Lib. VII, c. 10, f. 180 C-G.

43 Cfr. Averróis, *Epitome in Met.*, Vol. VIII, c. 2, f. 370 S: «Et dicamus quod materia est id quod est in potentia ad rem, quod est futura esse in actu».

44 Cfr. Averróis, *De Subs. Or.*, Vol. IX. c. 1, f. 3 k.

corpóreas, como as dimensões, na natureza potencial da *materia prima*, o que implica na consideração de que estas dimensões preexistiam⁴⁵ na matéria e que seriam indeterminadas, porque estas dimensões no *ser-em-potência*, não poderiam ser atuais, antes da vinda ou da educação/produção da forma substancial, que dá o ato à matéria. E são indeterminadas para que, pela potência da matéria primeira, pudessem ser comunicadas a todas as formas substanciais que dela se produzissem e só seriam determinadas depois⁴⁶ de ‘receber’ a forma substancial última, nela mesma.⁴⁷

Esta tese de Averróis o leva a contrariar a ideia de unidade substancial conferida pela unidade da forma substancial na substância, tradicionalmente defendida como sendo uma tese de Aristóteles, embora ainda haja muitas discussões sobre esta questão.⁴⁸ Por conseguinte, Averróis teve de admitir a pluralidade de formas substanciais na constituição da substância.

Alberto admite a forma de corporeidade na matéria primeira, pois admite a tese de que não pode existir matéria sem forma, desde a sua origem. Mas ele se opõe à interpretação de Averróis para não cair na doutrina da pluralidade de formas substanciais para a constituição de uma mesma substância. Por isso, destaca que a forma que determina a espécie, só ela é a forma substancial última, porque é ato do corpo.⁴⁹ Mas isso não significa que a

45 Cfr. Averróis, *De Subs. Or.*, Vol. IX. c. 1, f. 4 F-K: «Et quia invenit omnes formas communicari in dimensionibus non terminatis scivit quod prima materia nunquam denudatur a dimensionibus non terminatis quia si denudatur, tunc corpus eset ex non corpore et dimensio ex no dimensio».

46 Em Averróis esta palavra não se refere a uma relação temporal, mas a uma relação *secundum esse*. Cfr. Averróis, *De Subs. Or.*, Vol. IX. c. 1, f. 4 F-K: «Et intelligo post, secundum esse, non post secundum tempus sicut est dispositio in prima materia, scilicet, quod non invenitur in ea nisi ut habet formam existentem».

47 Cfr. Averróis, *De Subs. Or.*, Vol. IX. c. 1, f. 4 A: «Et cum invenit in eis dimensionibus communicari formas omnes, quarum quaelibet habet quantitatem terminatam propriam scivit dimensiones terminatas ultimo actu non posse esse, nisi postquam forma substantialis est in eo».

48 Ver a esse respeito o interessante estudo: M.L. GILL, «A unidade das substâncias em *Metafísica* H.6». Tradução Luís Márcio NOGUEIRA FONTES, *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, vol. 13, n. 2 (2003), 177-203.

49 Cfr. Alberto Magno, *De caelo*. (Ed. Col. Vol. V, 1). I, tr. 3, c. 4, pág. 63,

forma de corporeidade seja accidental. Para ele, tal forma é substancial, mas não a última que determina a espécie, mas a primeira, sobre a qual se fundamentam as dimensões corpóreas.⁵⁰

A partir do processo de mesclas sucessivas ocorreria a geração das formas substanciais últimas, com exceção da alma humana, que é espiritual e criada por Deus e infundida no corpo. E aquelas dimensões se mantêm indeterminadas na matéria primeira até a geração do indivíduo, que possui uma forma substancial que, por seu ato, confere as dimensões determinadas ao seu corpo. O corpo, que é a matéria com as três dimensões determinadas. Mas, tudo isto, só é possível graças à forma de corporeidade que existiu primeiramente na matéria e da qual a matéria nunca se despojou, posto que desta primeira forma, pelo processo de geração, foram sendo produzidas as demais formas substanciais, por cuja perfeição do ato adquirido mediante a geração, dão o ser e determinam as dimensões da matéria, dispondo-as em três dimensões determinadas.

Mas em qualquer caso, no caso do homem, não poderia existir na matéria alguma determinação formal específica e quantitativa, antes da alma racional, embora seja necessária previamente a existência da forma de corporeidade⁵¹ na matéria com as dimensões a serem determinadas, segundo o ato da forma substancial a ser gerada na constituição de um novo indivíduo,

15-16: «Et quia corporeitatis non est activa nec passiva nec etiam forma substantialis, quae est actus corporis (...)».

50 Cfr. Alberto Magno, *De caelo*. (Ed. Col. Vol. V, 1). I, tr. 3, c. 4, pág. 63, 7-11: «Quia igitur haec corporeitatis prima forma est, per quam suscipit omnem formam substantialem corporis, sequitur necessario, quod omnis forma substantialis corporis et divisibilis sit et virtus eius limitata sit ad corporis dimensiones».

51 Cfr. Alberto Magno, *De caelo*. (Ed. Col. Vol. V, 1). I, tr. 3, c. 4, pág. 63, 7-11: «Quia igitur haec corporeitatis prima forma est, per quam suscipit omnem formam substantialem corporis, sequitur necessario, quod omnis forma substantialis corporis et divisibilis sit et virtus eius limitata sit ad corporis dimensiones»; 37-40: «Unde patet primarum formas substantiales consequi corporeitatem indeterminatarum dimensionum, licet determinatae dimensiones consequantur ipsam substantialem formam»; *idem*, I, tr. 4, c. 6, pág. 90, 44-46: «Materia enim in quantum materia non est individuum aliquid signatum ens in natura, sed cum attributus ei esse, hoc est esse secundum quid».

no final do processo de geração. Esta forma de corporeidade se corrompe no caso do processo de geração do corpo humano, a partir da criação e infusão da alma racional na matéria seminal disposta. A alma humana infusa tem a perfeição de ser forma do corpo no qual foi infusa. Isto permite a alma humana substituir a forma de corporeidade em suas funções ou propriedades essenciais relativas ao corpo. E se prova isto pelo fato de que se existisse alguma determinação específica, a alma já não poderia ser a forma substancial e princípio de perfeição específica deste corpo.⁵²

Deste modo, a forma de corporeidade, neste sentido, não dá nem a espécie, nem a vida, nem a sensibilidade, nem o movimento. Tudo isto o corpo recebe da alma racional, porque ela é ato do corpo, enquanto lhe oferece todas aquelas perfeições.⁵³ Tudo leva a crer que a forma de corporeidade se corrompe no mesmo instante, como dissemos, quando advém a alma humana, dando-lhe a vida. A alma humana é, segundo opina Alberto,

52 Cfr. Alberto Magno, *De caelo*. (Ed. Col. Vol. V, 1). I, tr. 3, c. 4, pág. 63, 21-29: «Sicque fit, ut substantialis forma corporis secundum ordinem naturae consequens sit corporeitatem indeterminatarum dimensionum, et tamen corporeitatis propria, quae est determinatarum dimensionum, sit post formam substantialem, et ideo quolibet corpus physicum propria est quantitatis et propriae figurae».

53 Cfr. Alberto Magno, *Summa de creat.* (Ed. Paris. Vol. XXXV). II, tr. 1, q. 2, a. 3, solutio: «(...) hoc enim modo una sola anima est quae dat esse et rationem».

única e *actus unus*⁵⁴, enquanto é *actus corporis*⁵⁵, porque é a forma que dá o ser à matéria que se dispôs para a constituição do corpo humano, de cuja relação se constitui a substância individual.⁵⁶ Por este motivo, Alberto afirma que pela alma humana, o corpo vive, sente e se move e é um corpo orgânico que está em ato pela alma,⁵⁷ já que a alma é a forma substancial que constitui a substância *secundum esse* e segundo a *rationem specificam*,⁵⁸

54 Cfr. Alberto Magno, *Summa de creat.* (Ed. Paris. Vol. XXXV). II, q.7, a.1, pág. 93b: «Dicendum secundum omnes sanctos et philosophos et naturales, quod vegetabile, sensibile et rationale sunt substantia una in homine, et anima una et actus unus». Suas palavras nos propõe a interpretação de que a forma substancial que determina a espécie não é a forma sobre a qual se fundamentou os elementos, mas a que resulta da mistura dos elementos. Mas isto só se aplica às formas que são eduzidas da potência da matéria, uma vez que a alma humana, que é forma substancial, mas que não é corporal, mas espiritual, não é eduzida da matéria, mas sim criada por Deus. Para Alberto, a alma é criada por Deus e infusa no corpo: Alberto Magno, *Summa de creat.* (Ed. Paris. Vol. XXXV). II, tr. 1, q. 17, a. 3, pág. 159b: «Dicimus, quod anima rationalis, hoc est anima hominis cum omnibus potentiis suis, scilicet vegetabilibus et sensibilibus et rationabilibus, non est in semine sicut in effectivo neque per substantiam, sed creatur a deo et infunditur corpori (...)». E ratifica a unidade da alma como substância: «Nos enim tenemus, quod in homine est una substantia, quae est anima, et non tres, et ideo non possumus dicere, quod haec substantia in parte creetur a deo quantum ad rationales potentias, et in parte educatur ex substantia seminis quantum ad potentias vegetabiles et sensibiles, sed totam dicimus creari a deo et infundi corpori»; veja também: De animalibus XVI, I, 16. Considere também: A. DELORME, «La Morphogénèse d'Albert dans l'embriologie scolastique», *Revue Thomiste* 36 (1931), 352-360; N. ALBUERNE, «San Alberto Magno, naturalista», *La Ciencia Tomista* 46 (1932), 267-298.

55 Cfr. Alberto Magno, *Summa de creat.* (Ed. Paris. Vol. XXV). II, tr. 1, q. 4, a. 1, solutio: «Dicendum (...) quod substantialis differentia animae et Angeli est in hoc quod anima inclinatur ad corpus ut actus, Angelus autem non. Et ideo substantiale dicimus animae esse, quod sit actus corporis».

56 Cfr. Alberto Magno, *In I Met.* (Ed. Col. Vol. XVI, 1). tr. 1, pág. 2, 57-62: «Materia autem determinata secundum formam dantem esse tantum constituit substantiam in eo quod substantia(...)».

57 Cfr. Alberto Magno, *Summa de creat.* (Ed. Paris. Vol. XXV). II, tr. 1, q. 4, a. 5, pág. 53b: «corpus organicum non est actu nisi per animam. Cum autem non habeat animam, non est corpus organicum, nisi aequivoce, ut homo mortuus dicitur homo».

58 Cfr. Alberto Magno, *Summa de creat.* (Ed. Paris. Vol. XXV). II, tr. 1, q.

na medida em que ordena e organiza o corpo.⁵⁹

Assim pois, Alberto não admitiu a doutrina da pluralidade de formas substanciais,⁶⁰ no sentido da impossibilidade da pluralidade de almas ao tratar da individuação da alma humana pelo corpo, pois não admitiu como existente em ato no próprio corpo a forma de corporeidade, uma vez que a alma humana, com a corrupção da forma de corporeidade, resguarda em si as funções relativas ao corpo. Por isso, a alma humana, embora não seja uma forma de corporeidade é, efetivamente, uma forma do corpo (*forma corporis*) humano. Por isso, Alberto ao aceitar a tese da *forma corporeitatis* como unida inseparavelmente à matéria primeira, ao modo de Avicena,⁶¹ não caiu na aceitação da pluralidade de formas no caso da constituição do homem. Seguindo este raciocínio, sustenta que pode haver pluralidade de formas, mas não de formas substanciais. Por isso, ele destacou que a alma racional, embora seja uma forma substancial, ela não é da mesma natureza da forma substancial de natureza material, como a forma de corporeidade ou a das demais formas substâncias materiais produzidas a partir da própria matéria primeira. Isso o leva a ter por claro que no corpo orgânico – humano – não pode existir nenhuma forma específica, antes do advento da alma.⁶²

2, a. 1, pág. 13b: «Loquendo tamen proprie de anima dicimus ipsam esse substantialem formam, quae constituit id cuius est forma secundum esse et rationem specificam».

59 Cfr. Alberto Magno, *Summa de creat.* (Ed. Paris. Vol. XXV). II, q. 78, a. un: «Secundum nostram sententiam anima hominis una est substantia in vegetabili, sensibili et rationali(...) Corpus autem dico mixtum et complexionatum et organicum».

60 Cfr. Alberto Magno, *De Caelo.* (Ed. Col. Vol. V, 1), III, tr. 2, c. 8, pág. 240, 63-66: «Nihil suscipit multas substantiales formas (...) per multas formas substantiales poneretur in diversis speciebus».

61 Cfr. Alberto Magno, *In Met. V*, tr. 3, c. 2, B. 6, 326: «Adhuc hoc habitum est supra, quod forma corporeitatis substantialis non reliquit unquam materiam, et est in ipsa ante omnem motum et mutationem, non pendens nisi ex principiis substantiae simplicibus».

62 Cfr. Alberto Magno, *Summa de creat.* (Ed. Paris. Vol. XXXV). II, tr. 1, q. 2, a. 1, ad 6: «Dicendum quod in corpore organico nulla forma specifica est ante animam. Caro enim non est caro nisi per hoc quod est medium in sensu tactus. Similiter nervus non est nervus nisi per hoc quod est orga-

Em resumo, a alma depende do corpo para distinguir-se das demais, porque começa a existir no corpo e com ele a alma se distingue⁶³ e exige a individualidade quântica do corpo para realizar-se,⁶⁴ e de nada valeria a individualidade da alma, se esta não tivesse estado unida a um corpo, por sua vez, individual. E ainda que possua um modo de existência independente do corpo, ela depende dele para começar a existir, porque tem a vida e dá ao corpo a vida quando da sua composição com o corpo, mas não só para viver, senão também para sentir, locomover-se e conhecer. E, neste último caso, necessita poder conhecer para entender a espécie inteligível.⁶⁵

A alma não tem o seu ‘ser’ por causa da posseção de uma matéria individual.⁶⁶ Contudo, depende do corpo, assim como o corpo depende dela, para o ser e o operar. Por este motivo,

num animae influentis per ipsum corpori sensum et motum».

- 63 E é por esta razão que Sócrates se distingue de Corisco, não só pelo corpo sensível: Alberto Magno, *In VII Met.* (Ed. Col. Vol. XVI, 2). tr. 3, c. 10, pág. 365, 69-71: «Si autem accipiamus individuum in genere animalis, ut Socratem et Coriscum, conceptum erit cum sensibili materia (...)»; veja também: Alberto Magno, *Summa de creat.* (Ed. Paris. Vol. XXXV). II, tr. 1, q. 61, a. 1, pág. 520a: «homo enim in figura determinata non convenit nisi Sorti et Platoni, et non omni homini». Por ‘matéria individuada’ se entende a matéria quantificada e sensível: Cfr. Alberto Magno, *In II Met.* tr. 1, c. 7, pág. 467, 37-41: «Et ideo materia prima est quidem potentia quanta, et quanta secundum actum subicitur sensibilibus, et ideo notitia materiae est illud quod in re sentitur et subicitur quantitati et situi et sensibilibus».
- 64 Cfr. Alberto Magno, *Summa de creat.* (Ed. Paris. Vol. XXV). II, tr. 1, q. 4, a. 5, pág. 53b: «Corpus bene separatur ab anima ut materia, sed non ut actu manens, sicut subiectum separatur ab accidente. Similiter anima rationalis dependentiam habet ad corpus, eo quod est unibilis ei, et unietur ei in resurrectione. Et ideo cum sic utrumque dependeat ad alterum, ex eis fit unum per substantiam».
- 65 Cfr. Alberto Magno, *Summa de creat.* (Ed. Paris. Vol. XXXV). II. tr.1, q. 58, a.2, pág. 506a: «anima intellectiva intelligit in indivisibili, scilicet specie compositionis, et in indivisibili tempore id quod non secundum quantitatem est indivisibile, sed specie, hoc est forma compositionis».
- 66 Cfr. Alberto Magno, *Summa de creat.* (Ed. Paris. Vol. XXXV). II. tr.1, q. 7, a.3, pág. 101b: «Item, dicit Philosophus in Libro de causis, quod intelligentia et anima est habens hylatim, quoniam esse et forma; sed causa prima non habet hylatim, quia est esse tantum».

Alberto disse que a alma humana possui matéria, não por natureza, mas porque a ela se une e se trata de uma matéria individual, em cuja união de alma e corpo constitui a essência do homem, o que foi denominado pela tradição como *'id quod est'*.⁶⁷ Se por um lado as almas humanas possuem matéria, por outro lado as substâncias separadas não têm matéria, porque o ser de tais substâncias não depende da matéria.

No caso das substâncias ditas materiais, porque dependem da matéria para compor a sua essência, a multiplicação das suas formas se dá pela geração, mediante a multiplicação das matérias, o que indica que tais substâncias dependem da matéria não só para a individuação⁶⁸, mas também para a sua multiplicação.⁶⁹ Fica claro que para Alberto a multiplicidade de indivíduos materiais tem a sua causa na divisão da matéria.⁷⁰

Contudo, Alberto não restringe a individuação ao fato de a matéria ser dimensionada de modo determinado. Indo mais fundo na questão, ele resgata da matéria primeira uma função primordial para a individuação, a saber, de que a matéria é sujeito das formas. Por isso, para ele a matéria não é princípio de individuação por causa da natureza da matéria, senão que é

67 Cfr. Alberto Magno, *Summa de creat.* (Ed. Paris. Vol. XXXV). II. tr.1, q. 58, a.1, pág. 503b.

68 Cfr. Alberto Magno, *De Caelo*, (Ed. Col. Vol. V, 1). I, tr. 3, c. 7, pág. 70, 66-68: «Omne enim sensibile, ut diximus, proprium incommunicabile et sensibile es per materiam suam, quae est principium individuationis in ipso»; veja também: *In V Met.* (Ed. Col. Vol. XVI, 1). tr. 1, c. 9, pág. 230, 56-58: «Numero quidem unum sunt, quorum materia est una, sicut Marcus Tullius Cicero, quae sunt nomina unius secundum materiam hominis»; *In III Met.* (Ed. Col. Vol. XVI, 1). tr. 3, c. 10, pág. 148-149, 96-04: «Cum enim materia sola principium individuationis et nihil sit singulare nisi materia vel per materiam(...)».

69 Cfr. Alberto Magno, *De Caelo*, (Ed. Col. Vol. V, 1). I, tr. 3, c. 8, pág. 72, 22-24: «(...) nunquam multiplicatur forma per generationem, nisi hoc modo, quod multiplicatur per divisionem materiae».

70 Cfr. Alberto Magno, *De Caelo*, (Ed. Col. Vol. V, 1). I, tr. 3, c. 7, pág. 72, 76-80: «Ex omnibus autem his quae determinata sunt, relinquitur, quod omnis pluralitas individuorum eiusdem speciei est per divisionem materiae, et ideo, si cuius forma indivisibilis est per materiam, illa non agitur in pluralitatem».

princípio de individuação, enquanto é primeiro sujeito.⁷¹ É óbvio que ele admite o papel da determinação das dimensões com a colaboração do ato da forma substancial, que ordena e especifica a matéria. Entretanto, para Alberto é o fato de ser o primeiro sujeito, o suposto, denominado *hyliatim*,⁷² que permite dizer que a matéria é o princípio de individuação. Em outras palavras, a primeira razão de a matéria ser princípio de individuação da forma substancial é o fato de ela ser suposto da forma substancial. Esta condição de ‘suposição’ não é algo adquirido com a determinação da forma substancial que determina a espécie e é o último a ser realizado no final da geração. Tal suposição é o que define a matéria como primeiro sujeito.

Mas deve-se saber que de dois modos podemos dizer que a matéria é suposto: 1) a matéria primeira é suposto, enquanto ser-em-potência comum de muitos; 2) o corpo que é a matéria individual é suposto incomunicável, porque não é comum de muitos, senão só do indivíduo que a possui. Deste modo, o suposto incomunicável é o próprio indivíduo, pois o indivíduo é o que resulta por último pelo processo de geração substancial, enquanto algo incomunicável a muitos, por isso o particular, diferente do universal, não se predica de muitos.

Segue-se disso, que toda distinção não advém da matéria primeira entendida como primeiro suposto das formas substanciais, mas do suposto individuado, informado pela forma substancial. Assim, toda distinção e individuação é pelo suposto individuado, porque o que existe neste suposto é distinto e individuado.⁷³ Isto explica a razão fundamental pela qual Alberto pôs

71 Cfr. Alberto Magno, *Summa. Theo.* (Ed. Paris. Vol. XXXII). II, tr. 1, q. 4, part. 2, ad. 2, pág. 65b: «Materia per rationem materiae non est principium individuationis, sed potius per rationem proprii subiecti est principium individuationis, ut primum subiectum».

72 Cfr. Alberto Magno, *Quaes. De quid. et esse.* (Ed. Col. Vol. XXV, 2), pág. 271, 33-39: «Substantia autem secundum intentionem nominis est id quod substat...Dico autem ‘inquantum substat’ propter materiam, quae licet substat, non tamen actualiter necesse est, quod semper substat, quia sic periret materia prima, quam Graeci ‘hyliatim’ dicunt(...)».

73 Cfr. Alberto Magno, *Summa Theo.* (Ed. Paris. Vol. XXXI). I, tr. VI, q. 29, m. 1, a. 2, ad. 1, pág. 297b: «Et ad hoc quod dicitur quod suppositum est principium distinctionis et individuationis, dicendum quod hoc verum est

na matéria o princípio de individuação, a saber, pelo fato de ser a matéria um suposto comum de muitos em sua condição primeira e de ser em sua condição última, um suposto incomunicável nos indivíduos,⁷⁴ o que não pode ser afirmado da matéria primeira, que por ‘ser-em-potência’ e informada pela ‘forma de corporeidade’, está apta a ser sujeito de muitos indivíduos, por isso a matéria primeira é comunicável a muitos. Nisto reside a distinção entre *suposto*, *indivíduo* e *individuação*, em Alberto, pois a matéria primeira é suposto, mas não é princípio de individuação, porque não tem ainda a última forma substancial que determina as dimensões quantitativas na matéria, de modo a torná-la incomunicável a muitos. O indivíduo é o que resulta como o último no processo de geração substancial, onde há forma substancial e a matéria individuante, enquanto esta matéria pode ser considerada como suposto da alma racional, na medida em que a recebe como sujeito.

Paulo Faitanin es profesor de Filosofía Medieval en la Universidad Federal Fluminense de Rio de Janeiro. pfaitanin@aquinate.net

Recibido: 15 de enero de 2012.

Aceptado para su publicación: 25 de febrero de 2012

in omni natura in qua suppositum diversum est a natura cui supponitur».

74 Cfr. Alberto Magno, *De resurrectione*. (Ed. Col. Vol. XXVI). tr. 1, q. 3, pág. 244, 8-15: «Praeterea, quod substantialiter omnibus convenit eiusdem speciei, hoc est ab eodem principio cum ipsa natura speciei. Veritas huius propositionis habetur ex hoc quod nihil est in individuis nisi individuantia et communis natura. Cum ergo individuantia causentur a materia, quae non est communis omnibus individuis, oportet, quod communia principientur a principio communi».